

## AS CONTRIBUIÇÕES DE LINDA ZAGZEBSKI PARA A EPISTEMOLOGIA DAS VIRTUDES CONTEMPORÂNEA

*Linda Zagzebski's contributions to contemporary virtue epistemology*

Sérgio Luís Barroso de Carvalho<sup>1</sup>

**Resumo:** Através deste artigo científico pretende-se expor as contribuições de Linda Zagzebski para a teoria da epistemologia das virtudes contemporânea, evidenciando sua inspiração na teoria das virtudes de Aristóteles. A inovação trazida por Zagzebski é a proposta de indistinção entre virtudes morais e virtudes intelectuais. Para a autora, as virtudes intelectuais são um subconjunto das virtudes morais, e assim merecem avaliação conjunta com estas. Por fim, argumenta-se que essa interpretação não implica em um reducionismo das virtudes intelectuais e que pode servir para inspirar uma renovação nas discussões filosóficas contemporâneas.

**Palavras-Chaves:** Teoria das virtudes contemporânea; ética das virtudes; epistemologia das virtudes.

**Abstract:** This paper aims to explain the contributions of Linda Zagzebski to the contemporary theory of virtue epistemology by pointing out her inspiration in Aristotle's theory of virtues. The innovation brought by Zagzebski is the non-distinction between moral virtues and intellectual virtues. To her, intellectual virtues are a subset of moral virtues and, therefore, deserve parallel evaluation. Lastly it is argued that this interpretation does not imply a reductionism of intellectual virtues and that it can inspire new debates in contemporary philosophy.

**Keywords:** contemporary theory of virtues; virtue ethics; virtue epistemology.

### 1. Introdução

A ética enquanto teoria moral é uma disciplina filosófica que adquiriu relevância inquestionável através dos séculos. Justamente porque diz respeito a uma face da vida humana experimentada por todos aqueles que vivem em sociedade – e podemos pressupor sem muito receio de objeção que toda a humanidade é contemplada por ela – é que o exame das questões morais à luz da filosofia se tornou tão popular.

Acompanhando o florescimento da filosofia na tradição ocidental, o estudo da ética se tornou mais complexo, especialmente depois do conjunto de eventos e divulgação de ideias que ficou conhecido como a “virada linguística”, passando a contemplar também questões que dizem respeito à análise dos conceitos empregados na investigação moral. Esse ramo da ética passou a ter tanta força desde o século XX que vingou como um ramo autônomo sob a alcunha “metaética”. Uma possível definição para metaética é elaborada por Kevin DeLapp: “*Metaethics is a branch of analytic philosophy that explores the status, foundations, and scope of moral values, properties, and words. Whereas the fields of applied ethics and normative theory*

---

<sup>1</sup> Aluno do Mestrado em Ética e Epistemologia/UFPI.

*focus on what is moral, metaethics focuses on what morality itself is*".<sup>2,3</sup> O foco das investigações éticas passa das indagações sobre "o que é moral" para "o que é a moralidade". Se antes os objetos de estudo eram quais atitudes ou qualidades caracterizam uma ação ou indivíduo como moral (reflexão característica da ética normativa), na metaética se estuda o que constitui essa qualidade "moral" possuída por tais atitudes ou indivíduos.

Geoff Sayre-McCord elabora outra noção válida sobre o que é metaética: "*Metaethics is the attempt to understand the metaphysical, epistemological, semantic, and psychological, presuppositions and commitments of moral thought, talk, and practice*".<sup>4,5</sup> Este conceito pressupõe que o pensamento moral tem uma série de desdobramentos metafísicos, epistemológicos, semânticos e psicológicos. Pode-se inferir daí que, através da metaética, o investigador pretende, além de investigar aspectos deontológicos e políticos, dar conta de outros aspectos que também compõem o fenômeno moral.

Embora trate de temas de filosofia clássica, a reflexão proposta neste artigo pertence ao campo da metaética. É um engano pensar que a divisão entre ética normativa tradicional e metaética se processa de forma temporal – como se a metaética só fosse estudada a partir dos anos 1950 –, uma vez que a análise sobre aspectos ontológicos, epistemológicos e lógico-formais da reflexão moral já era praticada desde o tempo de Platão e Aristóteles.

Pretende-se, então, destacar a importância da compreensão dos fenômenos morais associada à epistemologia, notadamente através do que ficou conhecido como "epistemologia das virtudes" na literatura filosófica, e da sua relação com a teoria moral através da interpretação da ética das virtudes de Aristóteles advogada por Linda Zagzebski. Primeiro será analisada a noção de virtude na filosofia clássica, com destaque para a ética das virtudes aristotélica e seus conceitos fundamentais (meio-termo, virtudes morais e intelectuais, etc). Em seguida serão apresentadas informações sobre a doutrina contemporânea da epistemologia das virtudes, seu contato com a ética das virtudes aristotélica e elementos para a caracterização das virtudes intelectuais. A epistemologia das virtudes é analisada por muitos filósofos, mas na parte seguinte deste trabalho comentarei com mais detalhes a interpretação proposta por Linda Zagzebski sobre essa noção. Para a autora, há uma espécie de ponte entre a virtude intelectual e a virtude moral que merece nossa atenção por ser praticamente única e relativamente nova dentro da doutrina.

## 2. A noção de virtude para Aristóteles

A ética das virtudes foi primeiro veiculada na tradição filosófica ocidental por Platão e Aristóteles. Ela continuou exercendo grande influência dentro dessa tradição até o século XIX, quando sofreu um relativo enfraquecimento. Entretanto, desde a década de 1950, essa doutrina voltou a ganhar força dentro da filosofia anglo-americana, especialmente sua matriz aristotélica.<sup>6</sup> Vale lembrar que nem todas as matrizes da ética das

<sup>2</sup> "Metaética é um ramo da filosofia analítica que explora o status, fundações e escopo dos valores, propriedades e palavras morais. Enquanto os campos da ética aplica e teoria normativa focam *no que é moral*, a metaética foca *no que a moralidade é*".

<sup>3</sup> DELAPP, Kevin M. Metaethics. In: INTERNET Encyclopedia of Philosophy. 2011. Disponível em: <<http://www.iep.utm.edu/metaethi/>>. Acesso em: 4 set. 2013.

<sup>4</sup> "Metaética é a tentativa de entender as pressuposições e compromissos metafísicos, epistemológicos, semânticos e psicológicos do pensamento, fala e prática moral".

<sup>5</sup> SAYRE-McCORD, Geoff. Metaethics. In: ZALTA, Edward N. (Ed.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Spring 2012 edition. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/metaethics/>>. Acesso em: 4 set. 2013.

<sup>6</sup> HURSTHOUSE, Rosalind. Virtue ethics. In: ZALTA, Edward N. (ed.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Fall 2013 edition. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/ethics-virtue/>>. Acesso em: 4 set. 2013.

virtudes contemporânea podem ser consideradas aristotélicas. Mesmo assim os princípios aristotélicos influenciam grande parte dessa doutrina:

But although modern virtue ethics does not have to take the form known as “neo-Aristotelian”, almost any modern version still shows that its roots are in ancient Greek philosophy by the employment of three concepts derived from it. These are *arête* (excellence or virtue) *phronesis* (practical or moral wisdom) and *eudaimonia* (usually translated as happiness or flourishing).<sup>7 8</sup>

*Arete* diz respeito à bondade, virtude e excelência no cumprimento de uma função (*ergon*). Para Platão, *Arete* é o que permite à alma humana desempenhar sua função: viver.<sup>9</sup> Segundo Aristóteles, essa virtude permite que os indivíduos encontrem o meio-termo entre excessos e defeitos.<sup>10</sup> *Phronesis* diz respeito à sabedoria prática e à sabedoria moral.<sup>11</sup> Linda Zagzebski e Michael DePaul ressaltam a noção aristotélica de *phronesis* como uma espécie de virtude intelectual.<sup>12</sup> Ela pode ser encarada também como uma qualidade que permite o adequado desempenho das virtudes. *Eudaimonia*, por sua vez, pode ser traduzida como “alegria” ou “florescimento”, mas diferentes intérpretes traduzem essa expressão de maneiras distintas (ainda que um pouco similares).<sup>13</sup> Para Aristóteles, ela é o fim último da vida humana. As virtudes são necessárias, mas insuficientes para alcançá-la. Esses três fundamentos serão abordados a seguir.

Cabe ressaltar que Aristóteles elenca dois tipos diferentes de virtude – que podem ser resumidas de forma geral como virtudes intelectuais e virtudes éticas:

Aristotle distinguishes two kinds of virtue (1103a1–10): those that pertain to the part of the soul that engages in reasoning (virtues of mind or intellect), and those that pertain to the part of the soul that cannot itself reason but is nonetheless capable of following reason (ethical virtues, virtues of character). Intellectual virtues are in turn divided into two sorts: those that pertain to theoretical reasoning, and those that pertain to practical thinking (1139a3–8). He organizes his material by first studying ethical virtue in general, then moving to a discussion of particular ethical virtues (temperance, courage, and so on), and finally completing his survey by considering the intellectual virtues (practical wisdom, theoretical wisdom, etc.).<sup>14 15</sup>

<sup>7</sup> “Mas, embora a ética das virtudes moderna não tenha que tomar a forma conhecida como “neo-Aristotélica”, praticamente qualquer versão moderna ainda mostra que suas raízes estão na filosofia grega antiga pelo emprego de três conceitos derivados dela. Eles são a *arête* (excelência ou virtude) *phronesis* (sabedoria prática ou moral) e *eudaimonia* (normalmente traduzida como felicidade ou florescimento).”

<sup>8</sup> *Ibid.*

<sup>9</sup> SEDLEY, David. *Arete*. In: ROUTLEDGE ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. Versão 1.0. CD-ROM.

<sup>10</sup> BLACKBURN, Simon. *Arete*. In: \_\_\_\_\_. **The Oxford Dictionary of Philosophy**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 23.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 287.

<sup>12</sup> DePAUL, Michael; ZAGZEBSKI, Linda. **Intellectual virtue**: perspectives from ethics and epistemology. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 2.

<sup>13</sup> HURSTHOUSE, Rosalind. *Virtue ethics*. In: ZALTA, Edward N. (ed.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Fall 2013 edition. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/ethics-virtue/>>. Acesso em: 4 set. 2013.

<sup>14</sup> “Aristóteles distingue dois tipos de virtude (1103a1–10): aquelas pertinentes à parte da alma engajada no raciocínio (virtudes da mente ou do intelecto), e aquelas pertinentes à parte da alma que não pode raciocinar por si mesma mas é, no entanto, capaz de acompanhar a razão (virtudes éticas, virtudes de caráter). As virtudes intelectuais são, por sua vez, divididas em dois tipos: aquelas pertinentes ao raciocínio teórico, e aquelas pertinentes ao pensamento prático (1139a3–8). Ele

As virtudes éticas podem ser entendidas como disposições ou tendências, induzidas pelos hábitos, para se ter sentimentos/sensações apropriados. Ao afirmar isso, Aristóteles pretendia rejeitar a interpretação platônica de que as virtudes são apenas um tipo de conhecimento e que os vícios são a falta desse conhecimento. Além disso, toda virtude ética é o intermédio entre um estado de excesso e um estado de deficiência. O homem virtuoso procura administrar seus hábitos, observando o meio-termo entre excessos e deficiências, de forma a alcançar a virtude. Isso se dá de acordo com as circunstâncias, por isso não há uma fórmula universal para se agir de acordo com o meio-termo. As teorias éticas seriam, portanto, insuficientes para guiar o processo decisório que objetiva o bem.

Resta destacar ainda que agir de maneira virtuosa é uma atividade racional. Ao invés de ser guiada por uma série de intuições, a atividade de uma pessoa virtuosa tem um ponto de partida apropriado e articulado pela racionalidade. Essa articulação que tem como finalidade a virtude é designada como racionalidade ou sabedoria prática.

É possível compreender que a sabedoria prática (*phronesis*) é o meio adequado para se desempenhar as virtudes. Entretanto, no livro VI da “Ética a Nicômaco”, Aristóteles indagou-se acerca do que constitui o meio-termo buscado pelo indivíduo virtuoso e sobre a maneira adequada de alcançá-lo. Richard Kraut observou que Aristóteles não ofereceu uma resposta para essa questão, mas que uma saída pode ser encontrada na investigação das partes anteriores da obra:

We can make some progress towards solving this problem if we remind ourselves that at the beginning of the *Ethics*, Aristotle describes his inquiry as an attempt to develop a better understanding of what our ultimate aim should be. The sketchy answer he gives in Book I is that happiness consists in virtuous activity. In Books II through V, he describes the virtues of the part of the soul that is rational in that it can be attentive to reason, even though it is not capable of deliberating. But precisely because these virtues are rational only in this derivative way, they are a less important component of our ultimate end than is the intellectual virtue—practical wisdom—with which they are integrated. If what we know about virtue is only what is said in Books II through V, then our grasp of our ultimate end is radically incomplete, because we still have not studied the intellectual virtue that enables us to reason well in any given situation.<sup>16 17</sup>

---

organiza seu material primeiro estudando a virtude ética de forma geral, e então passando à discussão de virtudes éticas particulares (temperança, coragem e assim por diante), e finalmente completa sua avaliação examinando as virtudes intelectuais (sabedoria prática, sabedoria teórica, etc.).”

<sup>15</sup> KRAUT, Richard. Aristotle’s ethics. In: ZALTA, Edward N. (ed.). **The Stanford encyclopedia of philosophy**. Winter 2012 edition. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/aristotle-ethics/>>. Acesso em: 4 set. 2013.

<sup>16</sup> “Podemos progredir rumo a resolução deste problema se nos lembrarmos de que no início da *Ética*, Aristóteles descreve sua investigação como uma tentativa de desenvolver uma melhor compreensão do que nosso fim último deve ser. A resposta imprecisa que ele dá no Livro I é que a felicidade consiste na atividade virtuosa. Nos Livros II até o V, ele descreve as virtudes da parte racional da alma de forma que ela observa a razão, mesmo que ela não seja capaz de deliberar. Mas precisamente porque essas virtudes são racionais apenas de forma derivativa, elas são um componente menos importante do nosso fim último do que a virtude intelectual – sabedoria prática – é, com a qual elas são integradas. Se o que nós sabemos sobre virtude é apenas o que é dito nos Livros II a V, então nossa compreensão do nosso fim último é radicalmente incompleta, porque nós ainda não estudamos a virtude intelectual que nos permite raciocinar bem em qualquer situação.”

<sup>17</sup> Ibid.

Aristóteles afirmou, então, que o nosso fim último, a felicidade (*eudaimonia*), consiste na atividade virtuosa e que essa atividade é racional. Nos livros II a V são descritas as virtudes da parte racional da alma que observam a razão, mas que são incapazes de deliberar. Como tais virtudes são racionais apenas de forma derivada, a sabedoria prática enquanto virtude intelectual assume uma importância maior para a consecução do fim último.

No livro VI, Aristóteles elaborou mais acerca de como se chegar ao fim último e sobre as virtudes intelectuais da sabedoria prática, conhecimento de ofício, ciência, compreensão intuitiva e sabedoria teórica. Segundo Kraut, embora a sabedoria prática tenha sido mencionada como um passo importante rumo ao fim último, Aristóteles colocou a sabedoria teórica como ainda mais importante para tal fim. A sabedoria prática seria um meio de desenvolver a sabedoria teórica.

Estabelecida a importância dessas virtudes intelectuais, resta ainda responder qual é o procedimento adequado para se atingir o meio-termo em situações particulares. Kraut ofereceu a interpretação de que no livro VI de “Ética a Nicômaco”, Aristóteles não buscou solucionar essa questão, mas apenas oferecer um prolegômeno para uma resposta. Essa interpretação parece razoável, uma vez que tais questões são mais bem articuladas no livro X. Nessa parte da obra, Aristóteles argumenta que a vida mais feliz é a do filósofo – aquele que exercita, por um grande período de tempo, a virtude da sabedoria teórica e tem meios suficientes para fazê-lo.<sup>18</sup> É possível inferir daí que a forma adequada de perseguir o meio-termo é através do exercício constante da sabedoria teórica (a filosofia), sem, contudo, descuidar da sabedoria prática e das virtudes éticas.

Como dito anteriormente, a perspectiva aristotélica da ética das virtudes foi reavivada a partir da década de 1950 e o debate adquiriu novos contornos. Nem todos os estudiosos que se propõem a discutir as ideias aristotélicas concordam plenamente com o filósofo clássico. Linda Trinkaus Zagzebski é uma autora que se destaca entre os demais pela abordagem que faz da ética das virtudes aristotélica. Sua perspectiva pode ser mais adequadamente encarada como um neoaristotelismo, uma vez que vislumbra virtudes morais e intelectuais de forma unificada – uma ideia não encampada por Aristóteles.<sup>19</sup> Essa posição será abordada mais adiante.

### 3. A doutrina contemporânea da epistemologia das virtudes

Segundo Greco e Turri, a doutrina contemporânea da epistemologia das virtudes tem dois comprometimentos básicos.<sup>20</sup> O primeiro é que epistemologia é uma disciplina normativa. Isso implica duas coisas: primeiro, a oposição à sugestão radical de Quine de que os filósofos deveriam abandonar questionamentos sobre o que é razoável acreditar e que deveriam restringir suas investigações apenas a questões sobre psicologia cognitiva; segundo, que os epistemólogos devem focar seus esforços na compreensão de normas epistêmicas, valores e avaliações.

O segundo comprometimento básico dessa doutrina é que agentes e comunidades intelectuais são a fonte primária de valor epistêmico e o foco primário de avaliação epistêmica. Isso implica em uma distinta direção da análise, característica das teorias da virtude tanto em ética quanto em epistemologia. As teorias das virtudes explicam as propriedades das ações nos termos das propriedades dos agentes que as desempenham. No caso da ética das virtudes, as propriedades morais de uma ação são explicadas nos termos

---

<sup>18</sup> Ibid.

<sup>19</sup> GRECO, John; TURRI, John. Virtue epistemology. In: ZALTA, Edward N. (ed.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Winter 2011 edition. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/epistemology-virtue/>>. Acesso em: 4 set. 2013.

<sup>20</sup> Ibid.

das propriedades morais do agente (como resultantes de bondade, por exemplo). No caso da epistemologia das virtudes, as propriedades normativas de uma performance cognitiva são explicadas nos termos das propriedades do agente cognoscente (como resultantes de boa visão, mau julgamento ou discriminação, por exemplo).

Em seguida cabe esclarecer as diferentes acepções de um termo central para a epistemologia das virtudes: a virtude intelectual. Há dois campos distintos: os confiabilistas e os responsabilistas. Os confiabilistas entendem virtudes intelectuais como “virtudes-faculdades”, um campo que deve incluir faculdades como percepção, intuição e memória. Para eles, o que permite que uma crença verdadeira seja uma instância de conhecimento é o fato de que ela surge de faculdades do agente ou de processos confiáveis desempenhados por ele.<sup>21</sup> Já os responsabilistas entendem virtudes intelectuais como “virtudes-peculiaridades” (ou “virtudes-qualidades”). Traços de caráter como consciência e mente aberta é que seriam fundamentais para se obter conhecimento.

Linda Zagzebski se alinha com estes últimos no sentido de que certos traços da personalidade e caráter do sujeito de conhecimento são as características que definem uma virtude intelectual. Mas, para ela, não cabe à epistemologia das virtudes estudar apenas as virtudes intelectuais. A epistemologia das virtudes tem como base a ética das virtudes e, assim, cabe a ela examinar virtudes morais e intelectuais de maneira unificada. Mais que isso, Linda Zagzebski argumenta que as virtudes intelectuais podem ser encaradas como um subconjunto das virtudes morais.

#### 4. A noção de virtude para Linda Zagzebski

Em *Virtues of the mind*, Linda Zagzebski aponta que grande parte da tradição filosófica ocidental pressupõe uma distinção entre processos cognitivos e sentimentos/sensações, mas que filósofos como David Hume observaram que há ligações entre esses processos.<sup>22</sup> Uma dicotomia similar é estabelecida entre virtudes intelectuais e virtudes morais, estabelecida inicialmente por Aristóteles. Segundo esse raciocínio, “virtudes tais como a coragem e a temperança diferem em natureza de qualidades como sabedoria e entendimento”.<sup>23</sup> Mais que isso, Aristóteles procura distinguir pensamento e sentimento de tal forma que sejam estruturalmente diferentes.<sup>24</sup> Entretanto, Zagzebski entende que distinguir virtudes (*arete*) de outras habilidades é adequado, mas distinguir virtudes morais de virtudes intelectuais não.

Aristóteles, partindo da constatação de sentir é uma coisa e pensar outra, estabelece a divisão da alma do homem em uma parte racional e uma parte não-racional:

Virtue is of two forms, virtue of character, and intellectual virtue. For we praise not only the just, but also the intelligent and the wise. For virtue, or its function, was assumed to be commended, but those things are not actualizations, though there exist actualizations of them. The intellectual virtues, having, as they do, a rational principle, such virtues belong to the part that has reason and prescribes to the soul in so far as it possesses reason, whereas the virtues of character belong to the part that is non-rational, but whose nature is to follow the rational part; for we do not say what a man's character is like when we say that he is wise

<sup>21</sup> FAIRWEATHER, Abrol; ZAGZEBSKI, Linda Trinkaus. **Virtue Epistemology**. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 4.

<sup>22</sup> ZAGZEBSKI, Linda Trinkaus. **Virtues of the mind**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 137.

<sup>23</sup> Ibid., p. 138.

<sup>24</sup> Ibid., p. 142.

or clever, but when we say that he is gentle or daring. (EE 11.1.122035-13)<sup>25 26</sup>

Em um ponto posterior da “Ética a Eudemo”, Aristóteles define a categoria geral das afeições em termos de dor e prazer, e esclarece que essas afeições são administradas pela parte da alma humana reservada aos sentimentos: “*By affections [pathē] I mean such things as anger, fear, shame, desire – in general anything which, as such, gives rise usually to perceptual pleasure and pain.* (EE II.2.1220b12-14).”<sup>27 28</sup>

Segundo Zagzebski, um exame superficial dessas questões pode levar à ideia falsa de que a parte da alma humana que cuida dos sentimentos é a única que trata das afeições de dor e prazer. Ora, estados de intelecto – como confusão e compreensão – também podem ser experimentados como prazerosos ou dolorosos.<sup>29</sup> Ademais há estados como curiosidade, dúvida e deslumbramento que na verdade são mesclas de pensamento e sentimento. Zagzebski propõe então que, mesmo que haja certa diferença estrutural entre virtudes morais e virtudes intelectuais, o estágio de aprendizado de cada um desses tipos de virtude é paralelo.

## 5. Pontos de ligação entre virtudes intelectuais e virtudes morais

Seguindo o raciocínio de Zagzebski, há vários exemplos de virtudes que se manifestam tanto como virtudes morais quanto como virtudes intelectuais. Também é possível afirmar que algumas virtudes morais são necessárias para termos virtudes intelectuais e que, portanto, as virtudes intelectuais são um subconjunto das virtudes morais. Honestidade, paciência, perseverança, coragem etc. são algumas virtudes que possibilitam um sistema de crenças mais confiável. Para destacar um exemplo de como isso é possível, podemos imaginar um sujeito egoísta que busca ativamente resistir à demonstração de que suas crenças estão equivocadas.<sup>30</sup> Ele pode ser impelido por uma falha de caráter para tanto, e isso termina por comprometer a geração de suas crenças.

Zagzebski fornece muitos outros exemplos que apontam para a conexão entre virtudes intelectuais e morais. Paciência, perseverança e coragem, por exemplo, são virtudes morais causalmente necessárias para se ter virtudes intelectuais. A autora afirma que, no caso da perseverança, há uma proximidade muito grande entre perseverança moral e perseverança intelectual, de forma que é possível que se tratem da mesma virtude. Posteriormente ela sustenta sua posição e argumenta que tratar as virtudes intelectuais como um subconjunto das virtudes morais não implica num reducionismo:

---

<sup>25</sup> “A virtude tem duas formas, virtude de caráter e virtude intelectual. Pois elogiamos não só o justo, mas também o inteligente e o sábio. Pois se assume que a virtude, ou sua função, é recomendada, mas aquelas coisas não são atualizações, embora existam atualizações delas. As virtudes intelectuais, tendo, como elas têm de fato, um princípio racional, pertencem a parte que raciocina e prescreve que à alma na medida em que como ela possui razão, enquanto as virtudes do caráter pertence à parte que é não-racional, mas cuja natureza é seguir a parte racional; pois nós não dizemos como é o caráter de um homem quando dizemos que ele é sábio ou esperto, mas quando nós dizemos que ele é gentil ou audacioso. (EE 11.1.122035-13)”

<sup>26</sup> ARISTOTLE. **Eudemian ethics**. Tradução e comentários de Michael Woods. Oxford: Clarendon Press, 1982, apud ZAGZEBSKI, Linda Trinkaus. **Virtues of the mind**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 142.

<sup>27</sup> “Por afeições [pathē] quero dizer coisas como raiva, medo, vergonha, desejo – em geral qualquer coisa que, como tal, dá origem normalmente a prazer ou dor perceptual. (EE II.2.1220b12-14).”

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 143.

<sup>29</sup> Linda Trinkaus. **Virtues of the mind**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 144.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 159.

The account of the virtues I have given in Part II subsumes the intellectual virtues under the general category of the moral virtues, or *aretai ethikai*, roughly as Aristotle understands the latter, and gives a theoretical structure for the evaluation of beliefs that is exactly parallel to the evaluation of acts in the sense of acts generally reserved to ethics. This might be thought to be a reductionist move of the sort criticized by Roderick Firth (1978), but this interpretation would be a mistake. My aim is to show that the concept of the moral is too narrow as commonly understood and that it ought to be extended to cover the normative aspects of cognitive activities. I think of this move as expansionist rather than reductionist since it would be more accurately described as expanding the range of ordinary moral evaluation to include epistemic evaluation, rather than as reducing the latter to the former.<sup>31 32</sup>

Não se trata, portanto, de simplesmente reduzir a avaliação das virtudes intelectuais aos processos avaliativos das virtudes morais. Para Zagzebski, o conceito de moral como é entendido comumente é muito estreito para abranger os aspectos normativos das atividades cognitivas. Ao associar a avaliação moral à epistêmica, o que ela pretende é ampliar o escopo das investigações morais. Esse é o princípio de uma grave crítica à ética contemporânea. Ela avança seu raciocínio emitindo o diagnóstico de que a produção ética contemporânea está mais preocupada com a solução de conflitos interpessoais do que com o desenvolvimento da natureza humana. Somente o que diz respeito a outras pessoas e a casos graves de desarmonia fariam parte das investigações da ética moderna. Nesse sentido, a filosofia grega antiga é mais abrangente que aquela feita nos dias de hoje. Seu resgate dos princípios da ética das virtudes aristotélica se constitui como um importante esforço para a ampliação do escopo das discussões éticas. Promover a avaliação conjunta das virtudes morais e intelectuais constituiria, então, um avanço para a filosofia contemporânea.

## 6. Considerações finais

Linda Zagzebski é apenas uma de muitos filósofos que se dedicam ao estudo da epistemologia das virtudes hodiernamente. Mas seus apontamentos se destacam como, talvez, a única abordagem da teoria das virtudes aristotélica que propõe a associação entre avaliação moral e avaliação epistêmica. Embora isso possa ser visto por parte da comunidade acadêmica como uma inovação desnecessária ou infrutífera, a autora lança mão de argumentos suficientes para afirmar que de fato existem virtudes que têm um substrato moral e ao mesmo tempo intelectual. Um bom exemplo é a virtude da honestidade. Tal virtude inspira não só o tratamento moral justo como também um comprometimento com a verdade.

Se a contemplação sobre virtudes que mesclam características de virtudes morais e intelectuais – como a honestidade – não for suficiente para comprovar a ligação fundamental entre esses tipos de virtude, julga-se que ainda é suficiente para demonstrar a

<sup>31</sup> “O relato sobre virtudes que produzi na Parte II agrupa as virtudes intelectuais sob a categoria geral das virtudes morais, ou *aretai ethikai*, grosseiramente como Aristóteles entende a última, e dá uma estrutura teórica da avaliação de crenças que é exatamente paralela à avaliação de atos no sentido de atos geralmente reservados para a ética. Pode-se pensar que é um passo reducionista do tipo criticado por Roderick Firth (1978), mas tal interpretação estaria equivocada. Meu objetivo é mostrar que o conceito de moral é muito estreito da forma que é entendido ordinariamente e que ele deve ser alargado de forma a cobrir os aspectos normativos das atividades cognitivas. Considero esse passo expansionista ao invés de reducionista, uma vez que seria mais corretamente descrito como expandindo o alcance da avaliação moral ordinária para incluir avaliação epistêmica, e não reduzir a última à primeira.”

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 255.



relevância de análises mais profundas sobre a teoria das virtudes aristotélica e a epistemologia das virtudes contemporânea.

Como foi apontado por Zagzebski, em certos aspectos a filosofia antiga é (ou pelo menos parece ser) mais abrangente que a filosofia contemporânea. Ela nos legou muitos paradigmas filosóficos cuja solução plena é discutida até hoje. Por isso, estudar as soluções dadas pelos filósofos antigos, como Platão e Aristóteles, e produzir inovações em filosofia a partir daí parece ser uma tarefa louvável. Na presente análise, Zagzebski demonstra com habilidade que é possível extrair da teoria aristotélica das virtudes novas conclusões que sirvam para orientar a discussão dos paradigmas da ética contemporânea e também da epistemologia.

### Referências

- DELAPP, Kevin M. Metaethics. In: INTERNET Encyclopedia of Philosophy. 2011. Disponível em: <<http://www.iep.utm.edu/metaethi/>>. Acesso em: 4 set. 2013.
- DEPAUL, Michael; ZAGZEBSKI, Linda. **Intellectual virtue**: perspectives from ethics and epistemology. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- FAIRWEATHER, Abrol; ZAGZEBSKI, Linda Trinkaus. **Virtue Epistemology**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- GRECO, John; TURRI, John. Virtue epistemology. In: ZALTA, Edward N. (ed.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Winter 2011 edition. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/epistemology-virtue/>>. Acesso em: 4 set. 2013.
- HURSTHOUSE, Rosalind. Virtue ethics. In: ZALTA, Edward N. (ed.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Fall 2013 edition. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/ethics-virtue/>>. Acesso em: 4 set. 2013.
- KRAUT, Richard. Aristotle's ethics. In: ZALTA, Edward N. (ed.). **The Stanford encyclopedia of philosophy**. Winter 2012 edition. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/aristotle-ethics/>>. Acesso em: 4 set. 2013.
- SAYRE-McCORD, Geoff. Metaethics. In: ZALTA, Edward N (Ed.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Spring 2012 edition. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/metaethics/>>. Acesso em: 4 set. 2013.
- SEDLEY, David. Arete. In: ROUTLEDGE ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. Versão 1.0. CD-ROM.
- BLACKBURN, Simon. Arete. In: \_\_\_\_\_. **The Oxford dictionary of philosophy**. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- ZAGZEBSKI, Linda Trinkaus. **Virtues of the mind**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.